

de Paulo do âmbito da jurisdição judaica, transpondo a sua pessoa e as suas questões para o amplo mundo do Império Romano. O que acontecera antes com o resgate do cristianismo do círculo do judaísmo acontece agora com a própria pessoa de Paulo.

O último capítulo (XVI, pp. 237-245) expõe e procura resolver algumas dúvidas relativas aos últimos anos de Paulo em Roma. É, nomeadamente, a questão da escassez de fontes para estes últimos anos, que poderiam ainda ser mais de meia dúzia, conforme se situasse o martírio de Paulo mais cedo ou mais tarde dentro da década de sessenta. Mas alguns anos podem representar para Paulo um longo espaço biográfico, capaz de oferecer mais ou menos probabilidade à hipótese de uma sua viagem à Península Ibérica. É ainda o problema das «cartas do cativo», supostamente escritas durante este período. E é, finalmente, a incerta data do seu martírio, provavelmente durante o reinado de Nero.

Catorze mapas e outras figuras ilustram e apoiam a exposição histórica.

A bibliografia apresentada (pp. 253-256) engloba os títulos mais decisivos para a síntese aqui empreendida e que foram realmente citados ao longo do livro, porque também focam o lado histórico-biográfico da personalidade de Paulo.

Índices de nomes próprios, de temas e de autores (pp. 257-264) concluem este livro, que coloca na nossa frente uma das mais célebres personagens do primeiro século do Império Romano, na arena cultural e religiosa.

Escrito com a meticulosidade, a sobriedade e a pedagogia do mestre que é, há longos anos, nestes domínios, o Professor Simon Légasse, este livro constitui uma excelente síntese dos dados mais significativos da biografia de Paulo, construindo um percurso original de análise em capítulos que o enfrentamento crítico das fontes mantém sempre em aberto.

José Augusto Ramos

HANS-PETER MUELLER (edit.), *Babylonien und Israel: historische, religioese und sprachliche Beziehungen*, Wissenschaftliche Buchgesellschaft, Darmstadt, 1991, 544 pp.

O presente volume, que é o n.º 633 da colecção «Wege der Forschung», pretende oferecer alguns trabalhos de entre os que são con-

siderados como marcos decisivos na história comparada das culturas testemunhadas em Israel e na Babilónia. Alguns são mais antigos, outros são inéditos, mas todos se revestem de grande actualidade, para o estudo das relações entre a cultura mesopotâmica e a israelita. O facto de alguns destes textos terem sido já editados várias vezes mostra bem a contínua permanência do seu interesse.

Os autores cujos contributos aparecem aqui antologiadados são bastante variados, sobressaindo o próprio editor, Hans-Peter Mueller, especialista da área cultural de Israel e Wolfram von Soden, da área da assiriologia, aparecendo ambos com três contributos cada um.

Na introdução, Hans-Peter Mueller, o organizador desta colectânea de estudos, apresenta as razões de uma antologia sobre este tema.

Pertence Israel a um mundo cultural de que a Babilónia representa um dos pilares. E na sua cultura se encontram visíveis mais do que eventuais marcas ou presenças directas da Babilónia.

Se bem que bastante mais modestamente, aparecem também sinais tardios de alguma presença hebraica na Babilónia.

É, assim, importante estudar as marcas que, por via mais ou menos directa, denotam e definem alguma comunidade de horizontes culturais. Exemplo maior disto são os mitos da criação e do dilúvio.

A escolha dos dois nomes, Babilónia e Israel, para título pretendeu precisamente privilegiar com cada um deles as referências culturais desta polaridade (p. 5), marginalizando algumas dificuldades que a escolha de precisamente estes dois nomes também suscitava.

O carácter bilingue e bicultural é um dado que marca justamente as origens e a longa história da Mesopotâmia e, nesta relação bicultural, os semitas de origem norte-ocidental são uma parte integrante e em várias ocasiões preponderante (pp. 5-7). E a cultura da Babilónia continuou a desempenhar na Síria-Palestina o papel de liderança, mesmo durante o tempo da supremacia política do Egipto, no período de El-Amarna (pp. 8-10).

Esta antologia contém uma primeira parte sobre as relações históricas directas, na qual se transcrevem dois excertos, somando no seu conjunto umas trinta páginas, da recente obra de Herbert Donner, *Geschichte des Volkes Israel und seiner Nachbarn in Grundzuegen*, T. 2, Goettingen, 1986.

O primeiro excerto é sobre povos e Estados do Antigo Oriente na primeira metade do primeiro milénio, a. C., até ao final do Império Neo-assírio (p. 33-49). Este excerto consiste numa história do Império Assírio recortado sobre o pano de fundo do Médio Oriente Antigo.

O segundo é sobre povos e Estados do Antigo Oriente até ao apa-

recimento dos Persas (p. 50-60). Este lapso de tempo representa um século de História, desde a queda da Assíria (630-612) até à queda da Babilónia nas mãos do persa Ciro (539).

Mais de trezentas e cinquenta páginas (p. 63-422) são preenchidas com estudos relacionados com os contactos e convergências culturais entre a Babilónia e Israel nos domínios mais conotadamente religiosos da cultura, nomeadamente em temas atinentes aos mitos da criação, à realeza, ao profetismo, à literatura litúrgica e às questões teórico-antropológicas representadas no interior da Bíblia pelo livro de Job.

De Victor Maag é retomado, com revisões e ampliações, um estudo já publicado em 1955 e de novo em 1980 sobre a antropologia do Antigo Testamento, nas suas relações com a mitologia do Oriente antigo (pp. 63-93), tanto quanto às semelhanças de elementos litúrgicos como quanto às diferenças de carácter teológico e de mentalidades.

Um estudo em inglês, o único aqui apresentado em língua não alemã; da autoria de W. G. Lambert, já publicado em 1965, apresenta uma nova visão sobre os temas que constituem o pano de fundo babilónico para o livro do Génesis (pp. 94-113), incluindo um *post-scriptum* inédito.

Uma longa análise dos elementos míticos da narração javeísta da criação (pp. 114-153), resultante de um seminário interdisciplinar na Universidade de Muenster, em 1971-72, aborda os elementos míticos presentes na narração da criação apresentada no capítulo 2 do Génesis bem como o significado histórico, antropológico e hermenêutico do conceito de mito, que se encontra em jogo neste preciso contexto.

O grande tema da realeza que constitui, no âmbito cultural, um dos mais ricos tópicos da história comparada das ideologias políticas e das mentalidades, conta aqui somente com um estudo. É o trabalho de Martin Noth, o qual nos fala sobre «Deus, rei, povo no Antigo Testamento» (pp. 157-197). Trata-se de uma reflexão metodológica, publicada pela primeira vez em 1950 e que mereceu ser já de novo publicada em 1960. Nele se fazia, para aquele tempo, o ponto da situação sobre a questão do ritual e da realeza sagrada como categoria essencial da mentalidade religiosa e seus reflexos na literatura do Antigo Testamento.

Na área do profetismo, esta antologia recolhe primeiramente um texto de Wolfram von Soden já publicado em 1947/52 e de novo em 1985 sobre o anúncio da vontade de Deus mediante a palavra profética nas cartas escritas em língua babilónica antiga e provenientes

da cidade de Mari (p. 201-213), onde apresenta e traduz quatro das cartas consideradas mais pertinentes, analisando, depois, sobretudo o conceito de *muhhum*, intermediário de revelação, no contexto cultural específico da Síria do Norte. O artigo original recebe um acrescento-correcção de 1950 (pp. 211-212), e ainda um suplemento bibliográfico de 1976 (pp. 212-213) mais ainda um acrescento final de 1990 (p. 213).

Com data já de 1966, mas ainda muito útil como visão de conjunto do profetismo na história oriental antiga, é o artigo de Friedrich Noetscher sobre a profecia no contexto do Israel antigo (pp. 214-258): Egípto, Fenícia, Síria, Ásia Menor, Mari...

Manfred Weippert retoma o conceito de guerra santa em Israel e na Assíria (p. 259-300), com observações críticas ao modo como este conceito aparece definido e utilizado nos escritos de Berhard von Rad, tanto relativamente à questão no antigo Israel como à aplicabilidade do mesmo como categoria histórica.

Podia de algum modo questionar-se a inserção deste tema no âmbito dos temas relativos ao profetismo, se bem que as culturas que floresceram no Médio Oriente Antigo conheçam claras ligações entre o profetismo e a guerra santa, tanto em Israel como noutras zonas.

Acerca dos géneros literários e estrutura dos Salmos no contexto das literaturas orientais, merece assinalar-se a importância atribuída a um artigo de 1924, de Friedrich Stummer, sobre os géneros literários dos salmos, à luz da literatura hínica oriental antiga (pp. 303-315).

Já duas vezes publicado desde 1964 é o trabalho aqui recolhido de Joachim Begrich sobre as manifestações de confiança na lamentação do individual israelita e nos seus equivalentes babilónicos (pp. 316-371).

Retomando as conclusões de uma sua monografia de 1980, aparece o texto de Eberhard S. Gerstenberger sobre o homem orante (pp. 372-380), abordando questões de método, a investigação sobre a história dos géneros literários e ainda a relação do indivíduo com o culto.

Do domínio bastante amplo e influente da literatura sapiencial, dois textos foram recolhidos. Um é de Johann Jakob Stamm, já de 1944, sobre as diferenças existentes na concepção da teodiceia, na Babilónia e em Israel (pp. 383-399). O outro texto é do próprio organizador desta antologia, Hans-Peter Mueller, publicado na revista *Orientalia*, em 1978, precisamente no número de homenagem pelos setenta anos de Wolfram von Soden, sobre a possibilidade e os limi-

tes da comparação entre o livro bíblico de Job e os seus paralelos cuneiformes (pp. 400*419).

Um domínio de comparação e convergência mais radical e mais alargado situa-se no nível das relações linguísticas.

Mais uma vez expressivo do facto de algumas boas realizações das gerações mais antigas neste domínio é o artigo que, em 1912, publicara Christian Sarauw, em homenagem aos setenta e cinco anos de Vilhelm Thomsen, que aqui se retoma (pp. 423-434), sobre o sistema temporal no semítico antigo.

Benno Landsberger aparece com um artigo, igualmente antigo, de 1926, tratando de questões de princípio da gramática semítica e sobretudo da hebraica (pp. 435-446).

Um contributo importante para a divisão das línguas semíticas é o estudo aqui publicado (pp. 447-462) pela terceira vez, apesar de ser um original de 1960, da autoria de Wolfram von Soden e que continua a ser uma referência fundamental, apesar de, como o autor mesmo reconhece e adverte em *post-scriptum*, ter sido escrito muitos anos antes da descoberta do eblaíta e precisasse, em consequência disso mesmo, de perspectivar diferentemente muitas coisas.

Este volume que principiara com uma introdução inédita encerra com uma contribuição igualmente inédita de Wolfram von Soden sobre um tema de grande alcance do ponto de vista linguístico e literário, o das modalidades de concepção e de expressão do tempo e do modo no semítico antigo (pp. 463-493).

A encerrar o volume (pp. 495-544), meia centena de páginas, contendo quase um milhar de referências bibliográficas, da responsabilidade de Timothy J. G. Doherty, complementam a bibliografia dos artigos e a actualizada bibliografia de síntese geral apresentada na introdução.

Esta bibliografia percorre as diversas áreas tratadas neste volume, mas extravaza delas, organizando-se em doze secções, representativas das questões mais importantes nas relações culturais e históricas sobretudo atinentes a Israel e à Babilónia.

As convergências e a dependência da religião bíblica relativamente à cultura da Babilónia aparece como um dado cada vez mais seguro e irénico, passado que foi o ardor da querela do panbabilonismo. História, cultura e estruturas linguísticas não fazem outra coisa senão mostrá-lo e justificá-lo (p. 29-30).

José Augusto Ramos